Proletários de todos os países, uni-vos !

A CLASSE OPERARIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO XIII SETEMBRO -OUTUBRO 1977 Nº 119

IR SEMPRE ADIANTE NO COMBATE À DITADURA

A intensificação das lutas populares contra a ditadura, o agravamento das disputas entre camarilhas militares e as manobras de Geisel tentando envolver setores da oposição constituem aspectos destacados da atual situação política do país.

O movimento estudantil realiza vigorosas demonstrações democráticas, exige o fim do arbítrio e a convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita. Depois da prolongada e combativa resistência dos universitários de Brasília, que enfrentaram corajosamente toda a sorte de provocações do Palcio do Planalto, os estudantes de São Paulo saíram às ruas e , apoiados por professores e pelo povo, protestaram energicamente contra as violências cometidas em todo o país, clamando, ao mesmo tempo, pelo direito de livre organização estudantil. Muitos milhares de estudantes tomaram parte nas demonstrações antiditatoriais, sem temer as represálias da polícia. Também os trabalhadores mobilizaram-se em prol dos seus interesses vitais. Desmascararam em grandes assembléias os dados estatísticos manipulados pelo governo que redundaram na fixação de salários muito abaixo do aumento do custo de vida. Reclamaram o reconhecimento oficial de negociações diretas entre patrões e operários, hoje, proibidas, o recurso aos dissídios coletivos para reivindicar melhores condições de existência, o respeito ao direito de greve . No campo, o assassínio de um advogado ligado aos camponeses, na Bahia, deu margem a manifestações de massas acusando o regime atual de proteger grileiros e latifundiários que armam seus capangas para matar ativistas da luta em defesa da terra. Por toda a parte, fazem-se ouvir enérgicos pronunciamentos de personalidades e dirigentes de organizações democráticas condenando o despotismo, pugnando pela liberdade e pelos direitos dos cidadãos. Todas estas manifestações públicas representam a questão essencial no desenvolvimento da situação política brasileira.

Paralelamente, acentuam-se as disputas entre camarilhas militares tendo por centro o problema da sucessão de Geisel. É uma luta acirrada entre grupos de generais fascistas pelo domínio das posições de mando no aprelho estatal. De um lado, Geisel e Golberi dispostos a indicar um sucessor capaz de assegurar a continuidade no poder da camarilha que atualmente se encontra no governo. Seu candidato, até agora, é o general João Batista Figueiredo, homem que sempre esteve ligado aos setores de inteligência das forças armadas, conhecido delator de seus velhos comparsas de conspirações, atual chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) É um típico representante da "ordem" instituída em abril de 1964. De outro lado, Silvio Frota reune as preferências da camarilha que se contrapõe a Geisel. Sua candidatura está praticamente lançada. Apresenta-se como representante da " linha dura " e faz intenso proselitismo nas diferentes unidades do Exército. Levanta a bandeira da plena manutenção do sistema de exceção e violências que caracteriza o regime militar em vigor. Realiza campanha entre seus correligionários contra Geisel, que, segundo ele, estaria traindo os "ideais do golpe que derrubou Jango". Ele sabe, e muito bem, que o atual ditador é um defensor de toda prova do sistema tirânico, antinacional e antipopular. Mas usa esse argumento para conquistar o apoio de generais inconformados com os reveses que a ditadura vem colhendo. As divergências evoluem para a preparação de golpes e contragolpes militares, uns e outros de caráter ultra-reacionário. Essas divergências repercutem também no partido oficial, a Arena. Aí, os políti-

cos situam-se de uma ou de outra camarilha e dos seus respectivos candidatos, na expectativa de um desfecho que lhes assegure vantagens secundárias. Não exercem maior influência na marcha dos acontecimentos.

Está igualmente em curso uma série de manobras políticas de Geisel. Em face da grave derrota que sofreu com a promoção do "pacote de abril" e devido ao isolamento em que se acha, recorre uma vez mais ao chamado diálogo e aos entendimentos de cúpula, nos quais procura comprometer setores democráticos e antiditatoriais. Designou oficialmente o pau-mandado Petrônio Portela para buscar contatos e conversas com representantes de diversos setores políticos, sociais, culturais, religiosos, etc. Os contatos são precedidos de propaganda dirigida no sentido de que o governo estaria interessado em encontrar fórmulas para a institucionalização do país. Tudo, porém não passa de um blefe. As conversas, bizantinas, não levam a qualquer resultado prático, nada têm a ver com o exame concreto de medidas para pôr fim ao regime de arbítrio. Elas objetivam ganhar tempo e tentar paralisar ou amortecer o movimento antiditatorial, o ímpeto da luta democrática, pelo menos até o lançamento oficial do candidato de Geisel à sucessão. Visam em especial, esvaziar a campanha que cresce e ganha impulso em favor de uma Assembléia Constituinte livremente eleita. Geisel não está preocupado com nenhuma "abertura" democrática. Não pretende modificar, na essência, o regime de arbítrio em vigor. As medidas por ele tomadas em abril deste ano, com o fechmaneto abusivo do Congresso, a cassação de mandatos e a imposição de leis reacionárias respaldadas pelo AI-5, bem o deom demonstram. Também o demonstram as ações repressivas que vem pondo em prática. Enquanto acena com dialogos e entendimentos, ataca brutalmente o movimento democrático e popular. Centenas de alunos do curso superior respondem a processos ilegais na Justiça Militar. Jornalistas de renome vêem-se incursos em dispositivos da Lei de Segurança em virtude de artigos ou comentários publicados com suas assinaturas. É uma forma de fazer pressão sobre a imprensa, de obrigá-la a silenciar os abusos e os crimes do regime castrense. A Polícia Federal intervém no Teatro Ruth Escobar, proibindo a simples leitura, em círculos fechados, de peças teatrais que a censura não deixa exibir.

É dentro desse quadro político que evolui no momento a situação nacional. O povo brasileiro não se deixará embair pelas disputas entre camarilhas de militares fascistas nem pelas manobras torpes de Geisel-Golberi. Não alimentará ilusões em pretensas saídas políticas articuladas nos bastidores da reação. O único e correto caminho é o prosseguimento da luta cada vez mais decidida, contra a ditadura. Esta luta já levou ao isolamento dos generais e faz crescer as forças da oposição. Avançando continuamente, atraindo novos setores, elevando sempre mais o nível das ações democráticas, o movimento antiditatorial acabará levantando as grandes massas para derrubar o odioso regime militar. Só assim o país terá uma Constituinte livremente eleita, sem atos e leis de exceção, sem cassados e sem presos políticos.

O regime dos generais está em crise, faz esforços nas vascas da morte para salvar-se. Não há que lhe dar tréguas. A luta popular, ampla e resoluta, liquidará definitivamente com ele. É a grande aspiração do povo, a conquista da plena liberdade política, transformar-se-á em brilhante realidade.

-o-o-o-o-o-o-o-

NOVO MARCO NA LUTA CONTRA O OPORTUNISMO

" A Teoria e a Prática da Revolução" é um artigo de grande importância para o movimento operário e comunista mundial. Após o VII Congresso do Partido do Trabalho da Albânia, de significação histórica , esse artigo publicado em julho deste ano em "Zeri i Populi " constitui um novo março na luta contra o oportunismo, em defesa do marxismo-leninismo e da revolução. Uma vez mais, o PTA e seu principal dirigente, o camarada Enver Hodja, figura de destaque no movimento revolucionário, proporcionam uma inestimável contribuição à luta pela vitória da cusa dos povos e do proletariado internacional.

É fato incontestável que, desde há muito, vêm circulando nas fileiras comunistas teses e conclusões alheias ao marxismo-leninismo, apresentadas como novas verdades e fruto de longas observações mas que, em realidade carecem de fundamento e não correspondem a uma análise de classes da sociedade contemporânea. Uma delas é a chamada teoria dos Três Mundos, que tomou corpo em 1974 na Assembléia Geral da ONU. Apareceu intenpestivamente, sem levar em conta as opiniões existentes sobre assuntos internacionais no movimento revolucionário.

Desde então, sorrateiramente, procurava abrir caminho entre as organizações de vanguarda do proletariado. Encontrava,porém , resistências. Depois do VII Congresso do PTA, que contrariou semelhante teoria, assim como da Declaração Conjunta dos Partidos Marxistas-Leninistas da América Latina, que se opôs à falsa sopinião de "apoiar-se numa superpotência para lutar contra a outra", o tumor maligno no organismo revolucionário veio a furo. Os autores e defensores da teoria dos Três Mundos viram-se forçados a declarar que a consideravam - nada mais, nada menos - a estratégia do movimento revolucionário, estratégia que não fora discutida em nenhum congresso de Partido nem debatida amplamente pelos comunistas. Deblaterando contra os que não admitiam a tese de apoiar-se em uma das superpotências, deixavam claro que tal estratégia incluía esse procedimento. Recorrendo a métodos condenáveis de imposição de determinada linha a todos os Partidos, sem quaisquer consultas, julgaram-se ofendidos com as posições dela discordantes, tomando-as como um ataque a sua organização.

A partir do VII Congresso do PTA foi ficando cada vez mais claro o verdadeiro conteúdo daquela infundada teoria. O artigo de "Zeri i Populi" deu outro grande passo para esclarecer a controvertida questão. Apoiado em sólidos e irrespondíveis argumentos teóricos, marxistas-leninistas, revelou o quanto tem de nociva e anti-revolucionária a pretendida estratégia "criadora" que se afasta totalmente das metas traçadas por Marx, Engels, Lênin e Stalin. Nós, os comunistas brasileiros, que lutamos decididamente contra o revisionismo e esforçamo-nos para aplicar a doutrina revolucionária do proletariado às condições concretas do nosso país, devemos estudar atentamente o conteúdo desse artigo que não somente revela em profundidade o sentido oportunista da teoria dos Três Mundos como também transmite conhecimentos aos que desejam levar adiante as tarefas de vanguarda que lhes incumbem.

" A Teoria e a Prática da Revolução" não faz retórica. Vai direto ao âmago dos problemas controversos. Salienta, logo de inicio, a premissa de toda estratégia revolucionária da época atual - a existência de dois mundos, o mundo socialista e o mundo capitalista. Estes dois sistemas estão em pugna e, quaisquer que sejam os retrocessos momentâneos, a tendência é a completa vitória do socialismo em escala mundial. O capitalismo deixou de ser, desde a Grande Revolução Socialista de Outubro, um sistema único. Iniciou-se a sua crise geral que, com a guerra de 1939/45, entrou numa segunda etapa. Sem ter presentes esses dados fundamentais, não se pode orientar corretamente o proletariado, a força revolucionária por excelência da sociedade moderna, nos embates por sua emancipação. Que significa omitir- como fazem os teóricos dos Três Mundos - aquela divisão que ocorre no globo terrestre ? Significa negar as mais importantes conquistas do proletariado, desconhecer completamente o caráter da época que vivemos de transição do capitalismo para o socialismo. Representa, tacitamente,

nária sob o pretexto de luta contra uma das superpotencias e coloca a e classe operária, nos violentos choques entrechoques que se avizinham, à margem de sua missão histórica.

A teoria dos Três Mundos ignora a análise das contradições básicas da sociedade atual. Deixa de lado essas contradições, que constituem o processo dialético do desenvolvimento social, para basear-se em elementos políticos conjunturais, assim mesmo distorcidos, que facilitam encobrir a natureza espoliadora e agressiva do imperialismo e da reação, seus intentos de sufocar a luta revolucionária, sua ânsia de hegemonia mundial.

O artigo de "Zeri i Populi " demonstra que naquela teoria não há lugar para situar a contradição entre o socialismo e o capitalismo - os países socialistas estariam incluido no chamado terceiro mundo, onde predominam forças reacionárias; nem para a contradição entre o proletariado e a burguesia - o proletariado deveria juntar-se às forças imperialistas e reacionárias a fim de combater tão somente o social-imperialismo; tampouco há lugar para a contradição entre os povos e nações oprimidas e o imperialismo e seus servidores - os povos teriam que unir-se à reação em cada país e aceitar a "aliança " com os imperialistas em choque com os soviéticos. Enfim, a classe operária e as massas populares não se norteariam pela revolução, mas por um sistema de alianças que favorece diretamente os objetivos da reação e do imperialismo. O esquema leninista da revolução, apoiado nas contradições fundamentais, é posto à parte. Isto mostra, precisamente, que a estratégia dos Três Mundos não é a estratégia do proletariado e sim a da burguesia em competição aguda pelas fontesd de matérias-primas, por mercados, por zonas de influência e domínio, em luta encarniçada, ao mesmo tempo, contra o seu principal adversário-o proletariado e seu sistema socialista.

Os autores da teoria dos Três Mundos tentam justificar sua posição oportunista alegando que não fazem mais que aproveitar as contradições no seio do inimigo. Como, no entanto, as aproveitam ? É sabido que tanto o proletariado quanto a burguesia podem utilizá-las. A burguesia usa as contradições que tem com os concorrentes para enganar a classe operária. Confunde propositadamente os seus mesquinhos interesses com os interesses gerais da nação; encobre sua política de guerra e de rapina com a defesa da pátria; mescla o chovinismo com o patriotismo. Assim fazendo, procura arrastar o proletariado para suas posições, e afastá-lo do caminho independente de classe, social e politicamente contrário à burguesia. A classe operária as utiliza de outra maneira. "É conforme os princípios - assinala o artigo de "Zeri i Populi " - que se aproveite sempre as contradições interimperialistas em benefício da revolução, em benefício dos povos e de sua liberdade, em benefício da causa do socialismo. É conforme aos princípios que a exploração das contradições existentes nas fileiras do inimigo conduza ao crescimentoe e fortalecimento do movimento revolucionário e de libertação e não ao seu debilitamento e redução, conduza à mobilização cada vez mais ativa das forças revolucionárias na luta contra os inimigos, sobretudo os principais, sem permitir que se cire nenhuma ilusão neles por parte dos povos". O pretenso aproveitamento das contradições entre os inimigos, proposto pelos defensores da teoria dos Três Mundos, é , na realidade, a velha colaboração de classes, a subordinação do proletariado aos interesses da burguesia, o abandono da luta pelo socialismo. Acaso a aliança do proletariado com os imperialistas norte-americanos e outros grupos monopolistas, a união dos povos oprimidos com os reacionários dos paises dependentes e semicoloniais- tal como pregam os autores daquela teoria - servem à revolução? Ou, ao contrário, ajudam os imperialistas e a reação a sufocar o movimento revolucionário e a mobilizar as massas em favor de sua política belicista, opressora e espoliadora ? Evidentemente,, tal orientação rebaixa o nível de consciência do proletariado, freia o impulso revolucionário das massas. Com toda a razão, o camarada Enver Hodja destacou que "neste momento de grande crise do imperialismo e do revisionismo contemporâneo, devemosintensificar a luta contra eles, aproveitar como se deve e corretamente a nosso favor, a favor dos Estados socialistas e dos povos que se levantam em revolução, as grandes contradições entre os inimigos, desmascrá-los sem cessar e não nos dar por satisfeitos ante as pretendidas concessões ou gestos de moderação que se vejam forçados a

a fazer até que o perigo seja conjurado, para tomar depois a revanche".

Os inventores da malfadada teoria dos Três Mundos costumam dizer que não se deve lutar contra todos os inimigos ao mesmo tempo, mas somente um de cada vez. Segundo eles, o inimigo atual é apenas o social-imperialismo soviético. Essa opinião é errônea. Do ponto de vista de sua estratégia, o proletariado internacional luta contra todos os seus inimigos burgueses. "Proletários de todos os países, uni-vos !" é o grito de guerra da classe operária contra a burguesia, independentemente de suas diferentes nacionalidades e do maior ou menor peso específico de sua força. Também a burguesia luta contra todo o proletariado mundial, contra a revolução onde quer que ela se verifique. O proletariado, nos paises onde prevalece o domínio imperialista e subsistem restos feudais, pode atrair ou neutralizar, numa primeira etapa da revolução, a burguesia nacional . Porém, esta burguesia disputa com o proletariado até o fim a direção do movimento revolucionário- o que constitui uma forma de luta de classes - para evitar que essa etapa seja ultrapassada e avançe no rumo do socialismo. Igualmente, o proletariado internacional, a fim de concretizar suas tarefas estratégicas, podem num dadom momento, concentrar o fogo de seu ataque contra determinados países burgueses. Atualmente, concentra-o nas duas superpotências, os Estado Unidos e a União Soviética, os principais inimigos dos povos. Mas isto não significa que cesse a luta de classes nos países imperialistas e menos ainda que a classe operária passe, nesses países, à colaboração com a burguesia, sustentando sua política exploradora e neocolonialista. O proletariado em nenhum caso renuncia à revolução. Seria atrair a sua própria causa. Não pode deixá-la para as calendas gregas nem entregá-la aos azares do espontaneísmo. Luta através dos mais diferentes meios e modos, a cada dia e a cada hora, por sua efetiva realização. A revolução poderá ocorrer, no curso da luta contra os principais inimigos, em distintos países, como prova a experiência da II Grande Guerra. Aliás, não foi nem na Alemanha, nem na Itália, nem no Japão - para não falar nos Estados Unidos, Inglaterra e França - onde o proletariado chegou ao poder. Se nos cingimos à concepção de liquidar um adversário de cada vez, perderemos o verdadeiro sentido da luta de classes na arena internacional, abdicaremos da nossa tarefa essencial de preparar com ampla visão a vitória da causa revolucionária.

O desenvolvimento social é um processo dialético no qual a acumulação quantitativa dá lugar aos saltos qualitativos, revolucionários. Esse desenvolvimento não se opera simplesmente através do aumento ou diminuição quantitativos (um de cada vez, por exemplo). O proletariado acumula consciência, força revolucionária e rompe, nos elos mais fracos da cadeia imperialista e pela revolução violenta, o sistema de exploração e opressão a que está submetido. É puro engano pretender que da contenda belicista soviético. norte-americana, com o proletariado a reboque da burguesia e aliado a uma das superpotências, venha a suceder qualquer mudança qualitativa na situação dos países conflitantes. Resultaria, isto sim, na manutenção do capitalismo e numa gigantesca carnificina dos trabalhadores. Além do mais, os dois blocos em luta tratariam de ajustar contas com o movimento operário e revolucionário. O combate do proletariado a seus inimigos somente resulta em transformação social se esses inimigos forem aniquilados revolucionariamente, se esse aniquilamento leva à vitória da classe operária, à instauração do regime socialista de ditadura do proletariado.

O artigo dos camaradas albaneses afirma, muito justamente, que a teoria dos Três Mundos, tantando se fazer po antiimperialista e anti-social-imperialista, é na verdade uma teoria que "debilita e sabota a luta antiimperialista e anti-social-imperialista tanto dos povos do chamado terceiro mundo quanto dos povos do pretendido segundo mundo". Nós, que lutamos em países dependentes e semicoloniais, damo-nos conta de todo o sginificado contra-revolucionário de semelhante teoria. Ela representa um grave perigo. Se os revisionista, lacaios da burguesia, querem colocar o movimento revolucionário a serviço dessa burguesia e atá-lo ao social-imperialistas soviétivos, os propugandores da teoria dos Três Mundos almejam subordinar os supremos interesses dos povos oprimidos ao que há de mais retrógado em seus oaíses. Eles, os pregoeiros dessa teoria, são de

defensores do sistema dominante no"terceiro mundo", mesmo quando esse sistema encontra-se representado por ferozes ditaduras militares-fascistas. Jogam o papel de apaziguadores dos anseios revolucionários das massas populares, querem enquadrá-las numa estratégia reacionária sob a alegação de combater o social-imperialismo. Desta forma, prestam relevantes serviços ao imperialismo e às forças reacionárias. Ainda que, vez por outra refiram-se à revolução como corrente irreprimível, o fazem em frases soltas, desligadas de uma exame da realidade e sem nenhuma relação com as tarefas que ela impõe. De fato, não desejam, hoje, nenhuma revolução, mesmo de caráter democrático-burguês. Porque esta não pode ser realizada, nos países dependentes e semicoloniais, sem a derrubada das atuais classes dominantes, estreitamente vinculadas ao imperialismo, sem ser dirigida pelo proletariado."Até o presente - diz o artigo dos camaradas albaneses -jamais existiu luta de libertação nem se verificou qualquer revolução nacional-democrática e antiimperialista que não se tenha enfrentado com inimigos internos, com reacionários e traidores, com elementos vendidos e antinacionais". O combate a essa teoria é, assim, uma tarefa inseparável, na atualidade, dos esforços que fazem os povos espoliados e explorados, sob a direção dos Partidos marxistas-leninistas, para unir as forças progressistas, a maioria da nação, contra a reação e o imperialismo, tendo em vista conquistar sua libertação nacional e a democracia popular, no caminho para o socialismo.

Gostem ou não seus autores, a teoria dos Três Mundos é um novo tipo de revisionismo. Um revisionismo onde se misturam idéias socialistas, objetivos de desenvolvimento capitalista e concepções de natureza feudal de antigas civilizações que ficaram para trás, na história. É revisionismo porque substitui os princípios do marxismo-leninismo por conceitos ecléticos; despreza a revolução e abandona a estratégia proletária de Marx, Engels, Lênin e Stálin; aparta-se totalmente da idéia leninista de que o proletariado é a força social que se encontra no centro da nossa época. Em sua essência, não se diferencia de outras espécies de revisionismo. Persegue os mesmos fins: a manutençao do capitalismo em suas distintas formas, a criação de uma suposta nova ordem econômica internacional(capitalista), a busca de fórmulas de convivência social adequadas à sobrevivência do imperialismo, agonizante e em decomposição.

Grandes tarefas, no campo teórico e prático, coloca o artigo de "Zeri i Populi" aos verdadeiros revolucionários, marxistas-leninistas, de todos os continentes. Sem enfrentá-las jamais avançará o movimento operário e comunista em cada país e internacionalmente. Por mais difíceis e complexas que sejam, a sua realização torna-se um imperativo do momento. Ao cumpri-las, abrem-se radiosas perspectivas de vitória. "O mundo se encontra numa fase em que a causa da revolução e da libertação nacional dos povos - disse o camarada Enver Hodja - não é somente uma aspiração e uma perspectiva, mas um problema presente que espera solução". Quanto mais dominem a ciência do marxismo-leninismo, apliquem-na à realidade concreta de seus países, combatam sem tréguas o oportunismo e realizem uma atividade revolucionária consequente, mais próximas estarão as vanguardas do proletariado da conquista de seus elevados fins.

O Partido Comunista do Brasil, na medida de suas possibilidades, contribuirá para desmascarar o revisionismo em suas diversas modalidades porque, como indica Lênin, a luta contra o imperialismo, se não estiver indissoluvelmente ligada ao combate ao oportunismo, é uma frase vazia e mentirosa. Expressando as aspirações maiores do nosso povo e contando com o apoio dos marxistas-leninistas de todo o mundo, empenhar-se-á no árduo trabalho de levar à vitória a revolução brasileira.

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

INDISPENSÁVEL A MOBILIZAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

De todas classes e camadas sociais de nosso país, o proletariado tem sido, nestes quase quatorze anos de ditadura, a mais duramente explorada. Os trabalhadores das cidades tiveram muitas de suas conquistas liquidadas. Juntamente com os assalariados agrícolas, sofreram acentuada baixa no seu nível de vida. É a classe mais controlada e vigiada pela polícia política.

Os salários, do ponto de vista do poder aquisitivo, valem hoje muito menos que os de 1963. O capitalismo se desenvolveu, embora um capitalismo dependente, em grande parte nas mãos dos monopolistas estrangeiros. A produtividade do trabalho aumentou consideravelmente. Mas a situação da classe operária continua piorando, ganha salários de fome. A maioria ganha salário-mínimo, e às vezes menos que o mínimo. De 900 a 1.100 cruzeiros mensais, precisamente. E isto quando o aluguel de um cômodo sórdido vale 500 cruzeiros por mês, um quilo de carne custa 34 cruzeiros, um quilo de feijão, 16 cruzeiros, um quilo de arroz, 7,50 cruzeiros; quando o transporte consome de 4 a 6 cruzeiros diários. Nunca foi tão brutal a exploração do proletariado. Do produto do seu trabalho, os capitalistas usufruem lucros imensos, as empresas estrangeiras mais, muito mais que as nacionais. Enquanto o proletariado - que criou as riquezas - não tem onde dormir nem o que comer, os chamados executivos, a burguesia e seus prepostos, levam vida de nababos.

O governo dos generais é uma espécie de super-patrão. Ele estabelece os níveis de salários que todos os demais patrões devem pagar aos seus operários. Não permite, ainda que alguns capitalistas os aceitassem, quaisquer ajustes salariais que ultrapassem as normas fixadas pelos órgãos da administração federal. Em nome de todos os patrões, ele realiza a fiscalização rigorosa da vida e da atividade proletária. Nas fábricas abundam espiões das Forças Armadas e policiais disfarçados. Os sindicatos são controlados pela polícia e pelo Ministério do Trabalho. A menor manifestação de descontentamento é reprimida aparatosamente. Antes e acima de tudo, a ausência de liberdade política no país serve à exploração impiedosa dos trabalhadores das cidades e do campo.

A classe operária jamais se conformou com esta situação. Tendo suas organizações destroçadas pelo regime militar, vários de seus líderes presos ou assassinados, ainda assim sempre buscou meios de reclamar seus direitos. Realizou greves combativas de pequena duração. Protestou contra os baixos salários. Forçou os patrões, através dos abonos antecipados, a fazer reajustes nas remunerações antes dos prazos estabelecidos. Sua mobilização, no entanto, não alcançou suficiente envergadura. Não conseguiu superar a falta de organização em suas fileiras.

Atualmente, o proletariado aumenta sua combatividade. O descontentamento vai tomando vulto e se traduzindo em manifestações de massa. Cresce o número de comissões de trabalhadores que procuram o sindicato para exigir ação contra a política do "arrocho" salarial. São numerosas e concorridas as assembléias reivindicando melhores condições de vida, o direito de livre contratação de trabalho entre empregados e empregadores, a suspensão de medidas arbitrárias contra os sindicatos. A campanha em favor da revisão salarial para compensar a fraude das estatísticas oficiais de 1973, que roubou parte dos ganhos dos trabalhadores, adquire amplas proporções. Centenas de milhares de operários tomam parte nessa campanha. Em vários Estados surgem articulações grevistas, que o governo tenta frustar. A palavra de ordem de greve começa a ganhar terreno entre os operários.

São indícios de que a classe operária se dispõe a lutar vigorosamente em defesa de seus interesses e a participar forma a mais ampla do movimento democrático pela conquista da liberdade política. Não há dúvida que somente através da luta mais enérgica, de poderosas greves e manifestações, o proletariado conseguirá vencer as dificuldades que atravessa e contribuir decididamente para golpear o governo dos generais, o super-patrão, tendo em vista derrubar a infame ditadura militar-fascista. A mobilização da classe operária é fator indispensável nessa luta de todo o povo brasileiro. Força combativa e diretamente ligada à produção, às artérias vitais da economia, o proletariado reúne as condições para aglutinar as amplas massas populares e elevar a um nível insustentável para a

reação o combate que se trava no país em prol da liberdade e contra o regime tirânico dos militares.

A experiência de luta da classe operária mostra que, por mais feroz que seja a catadura dos governantes, quando os trabalhadores se põem realmente em ação eles levam de vencida todas as barreiras erguidas pelos reacionários e fascistas. A greve é uma arma poderosa, contra a qual se esfacela a arrogância dos patrões e das autoridades. Tal como em 1952/53, em São Paulo, época em que os distintos setores da classe operária se coligaram e desencadearam greve prolongada, heróica e vitoriosa, hoje se faz necessário voltar à carga, paralisar o trabalho e ganhar as ruas. Nas condições atuais de enorme descontentamento entre o proletariado, uma grande fábrica pode dar início a um movimento paredista incontível, que tende a rapidamente alcançar todas as fábricas e ramos da economia, dos transportes, das empresas financeiras. E não haverá força capaz de desbaratá-lo.

A luta, somente a luta, resolverá os problemas da classe operária.

TESTEMUNHO DE UM FALSO REVOLUCIONÁRIO

A revista " Veja" vem de publicar uma volumosa entrevista com Fidel Castro, abordando questões atuais da política cubana, como a aproximação com os Estados Unidos, as intervenções militares na África e a atitude diante do movimento revolucionário latino-americano. A entrevista tem o mérito de espelhar o estágio em que se encontra a metamorfose do ex-combatente revolucionário de Sierra Maestra, ex-adversário do imperialismo norte-americano e ex-campeão da teoria do "foco guerrilheiro", hoje transformado em testa-de-ferro do social-imperialismo em aventuras militares, admirador de Jimmy Carter e paladino da "distensão".

Recongraçamento com os ianques

Castro mostrou-se amistoso e condescendente em relação ao imperialismo norte-americano, com o qual está em vias de reconciliar-se. Não ousou nomeá-lo em vez sequer em toda a entrevista. Para o líder cubano, a orientação estadunidense está mudando, o governo de Carter tem "posições opostas " às de seus antecessores (" não radicalmente opostas, apenas matizadamente opostas "), é chefiado por um "homem sincero", " que tem ética pessoal". O Sr Castro considera também que a primeira tarefa, a base para se resolver os grandes problemas internacionais, "é que se consiga um clima de distensão e paz no mundo ". " E se Carter está disposto a lutar por este clima de paz- agrega Fidel - eu estou de acordo com essa política". O recongreçamento com os ianques seria a contribuição de Cuba à distensão. E a base militar de Guantánamo poderá permanecer em mãos do Pentágono, conforme as circunstâncias da barganha conciliatória.

Essa disposição para o acomodamento com o imperialismo ianque não é apenas verbal. Já se materializou na troca de representações diplomáticas entre os Estados Unidos e Cuba, e num intenso vai- vém de "missões de boa vontade ". A verdade é que os dirigentes cubanos, instruidos pelos soviéticos e premidos pelas dificuldades de sua economia monocultora, própria de um país dependente, capitularam diante do bloqueio ianque. Estão ansiosos por vender seu açúcar ao poderoso vizinho e por receber novamente os turistas vindos do norte. Inaugyra-se assim um novo estágio num processo regressivo que já vem de muitos anos.

O triunfo do movimento popular armado chefiado por Fidel, em 1959, foi sem dúvida um duro golpe nos interesses neocolonialistas norte americanos, não só em Cuba, mas em toda a América Latina, onde teve grande repercussão. Demonstrou na prática a viabilidade da luta antiimperialista e antilatifundiária no continente pela via revolucionária, e a falsidade da via pacífica kruschoviana. A atitude firme de Cuba recém-liberta diante do desembarque da Baía dos Porcos e o combativo chamamento contido na II Declaração de Havana tiveram igualmente papel bastante positivo. Nos anos que se seguiram, Castro e seus companheiros procuraram exportar para o continente uma falsa teoria, pequeno-burguesa radical, o

"foquismo", que não tardou a revelar sua incosequência política, militar e organizativa, fracassando em todos os países onde se ensaiou sua aplicação. Ainda assim não se podia negar os sinceros propósitos aintimperialistas que então moviam os dirigentes de Havana. Mesmo quando Cuba passou paraa a órbita soviética, começando a apoiar forças revisionistas e reformistas, amnteve até certo ponto uma posição de combate ao imperialismo norte-americano. É esse último vestígio do que havia de positivo em sua atitude que Castro está suprimindo. Ele continua proclamando, como na sua entrevista, que nunca fará uma "troca de princípios, mas o fato é que já trocou todos os seus princípios revolucionários por outros, aventureiros, reformistas, revisionistas, resvalando cada vez mais para a capitulação e a traição.

Nenhum apoio às lutas revolucionárias

Castro também expôs na entrevista sua atitude atual diante das lutas revolucionárias e de libertação nacional. A certa altura, o jornalista perguntou-lhe : "Até o final dos anos 60, Cuba participava dos movimentos revolucionários do mundo. Hoje Cuba ajuda com tropas governos constituidos. Como foi que se deu essa mudança ?" O entrevistado tentou sair pela tangente, mas diante da insistência das perguntas, confessou: "Não é que não simpatizemos com os movimentos revolucionários. Simpatizamos, sim. Agora, se surge um movimento revolucionário num país que tem relações conosco, ou que respeita nossa soberania e nosso país, nós nos a[illegible] temos de qualquer apoio a esse movimento. Essa foi, é e continua sendo a nossa política. Não mudamos nada ".

Também aqui o sr. Castro falseia a verdade para ocultar sua metamorfose. Em outros tempos, ele nem sequer admitiria um raciocínio tão oportunista, que condiciona o apoio à revolução à existência ou não de relações estatais. É fato sabido , por exemplo, que antes do golpe de 1964, quando Cuba mantinha mantinha relações estatais normais com o Brasil, ele apoiava as correntes radicais da burguesia e da pequena-burguesia, que julgava mais capacitadas a promover a revolução brasileira. É verdade que Fidel agora renega sua antiga e absurda tese da "exportação da revolução". Mas o faz para abraçar conceitos ainda mais distantes do internacionalismo proletário e da solidariedade revolucionária entre os povos. Junto com a "exportação da revolução" ele renegou também o apoio à revolução. Trocou-o pelo apoio às reformas (no Chile de Allende, no Peru de Alvarado) e mais recentemente (em Angola) pela intervençap militar, acumpliciado com o social-imperialismo. Justifica a mudança proclamando:" Nós sempre tivemos um princípio, desde o triunfo da revolução até agora: este é um país que está disposto a viver de acordo com as normas internacionais". Mas cabe então a pergunta: de que normas se trata? Castro alega que a presença militar cubana na Africa foi solicitada por governos africanos. Mas as agressões norte-americanas à Coréia, ao Vietnam, Cambodja, Laos, Guatemala, São Domingos e outros países também foram feitas a pedido dos governos títeres desses países, e nem por isso deixaram de ser agressões. A própria Cuba foi ocupada três vezes pelos ianques em 1906, 1912 e 1920, em absoluta concordância com as normas internacionais e com um acordo bilateral, a"Emenda Platt". Essas normas citadas por Fidel não são senão as normas do sistema imperialista de dominação mundial. Depois da restauração capitalista na URSS, os novos dirigentes do Crêmlin aderiram a elas e apssaram a empregá-las em proveito próprio.Ocuparam a Checoslováquia alegando solicitação do governo de Praga. Em Angola, preferiram usar outros recursos, também de praxe entre os imperialistas: recorreram aos soldados de Castro para cravar as unhas na presa angolana, exatamente como fizeram os Estados Unidos, sem o mesmo êxito, através da A frica do Sul e do Zaire.

De braço dado com a ditadura brasileira

As declarações do sr. Castro sobre o Brasil tornam ainda mais suspeita sua simpatia pelos movimentos revolucionários. Ele se queixou na entrevista de que o governo de Brasília mantém ainda o bloqueio a Cuba. Mas deu ênfase principal aos "aspectos positivos" da chamada política

de pragmatismo responsável seguida pela ditadura. Elogiou o desenvolvimento das relações comerciais brasileiras com o campo "socialista", disse que ficou feliz (feliz !) ao ver um supermercado Pão de Açúcar em Luanda, qualificou de "sábia" a política nuclear dos generais brasileiross . Destacou que, "como países do terceiro mundo ", "há terrenos em que, apesar das diferenças entre os regimes sociais, nós temos obrigações e tarefas comuns", citando o esforço pela paz no mundo, a luta contra o subdesenvolvimento, a fome e a miséria... Colocou assim em pé de igualdade, no mesmo "mundo", o Brasil da ditadura militar-fascista e a Cuba pretensamente socialista.

Para o povo brasileiro, empenhado numa luta de vida ou morte contra o regime mais tirânico, sanguinário e vende-pátria da história do país, basta isso para mostrar que o sr. Castro deixou de ser um partidário da causa revolucionária, passou-se para o outro lado da barricada. Embora diga ter seguido uma estratégia " essencialmente correta", ele errou justamente na condução estratégica da revolução cubana. Em sua miopia política pequeno-burguesa , pretendeu inovar o marxismo e terminou chafurdando no revisionismo. Enveredou pelo falso atalho de apoiar-se numa superpotência para combater a outra e terminou por não combater nenhuma. Vendeu-se por 30 dinheiros ao social-imperialismo russo, sucumbe agora diante da pressão ianque e dispõe-se desavergonhadamente a flertar com os generais fascistas brasileiros e sabe o diabo com que outras espécimes da variada fauna que compõe o chamado terceiro mundo.

A inconssistência pequeno-burguesa

O processo de degenerescência da revolução cubana e de seu dirige nte fornece rico material de reflexão para os revolucionários, em especial os latino-americanos. Serve como mais uma prova viva da necessidade da direção proletário-revolucionária, marxista-leninista, para fazer triunfar à causa da libertação nacional e social em nosso continente, quer na etapa democrática e antiimperialista, quer na socialista . Nem a burguesia nem a pequeno-burguesia, mesmo revolucionária, têm condições de cumprir essa tarefa. Sob sua égide à revolução fracassará, ou, na melhor das hipóteses, conhecerá êxitos fugazes, avançará até certo ponto para em seguida retroceder e degenerar. Fidel Castro proclamou em 1960 sua adesão ao marxismo-leninismo; chegou mesmo a arvorar-se em teórico e edificou toda uma doutrina, o fidelismo. Mas jamais assimilou a ideologia do proletariado. Sempre foi um caudilho pequeno-burguês e sua trajetória política traz a marca indelével de sua classe, com todas as suas características, oscilações e limitações. A princípio desempenhou um papel positivo: chefiou a luta guerrilheira em Sierra Maestra, levantou o povo cubano numa verdadeira revolução popular, derrubou a ditadura de Batista e pôs fim ao domínio ianque em Cuba, conclamou os povos latino-americanos a pegar em armas para livrar-se do jugo neocolonialista e oligárquico, combateu o reformismo e estigmatizou a traição revisionista, No entanto, o seu revolucionarismo não tinha consistência, era fogo de palha. Estava longe de ter a têmpera especial que só o proletariado possui e que permite à pequena e gloriosa Albânia, por exemplo, enfrentar todas as borascas da atualidade sem se afastar um só milímetro dos princípios marxistas-leninistas. Pouco a pouco, Fidel foi se incorporando ao redil do revisionismo contemporâneo, pastoreado pelos soviéticos. Durante certo tempo, ainda procurou manter uma "terceira posição" na polêmica entre marxistas-leninistas e revisionistas. Mas seu terceirismo também não durou muito. Terminou resvalando de vez para o campo kruschovista e ciando na órbita do social-imperialismo russo. Continua presunçoso e fanfarrão como antes, dando-se ares de grande revolucionário, mas não passa de um renegado. Desempenha um papel nocivo à causa da revolução e da libertação dos povos, particularmente na América Latina e, agora, na África.

O proletariado conquista e defende a direção do processo revolucionário por meio de seu partido comunista, marxista-leninista, e travando uma luta ideológica implacável contra todas as idéias e concepções errôneas que possam circular nas fileiras populares, contra o oportunismo de direita e de "esquerda", em todos os seus matizes. Não existe ou-

tro caminho para faze vingar a linha justa, conduzir a revolução à vitória, instaurar a ditadura do proletariado e empreender a completa construção do socialismo, até o comunismo.

O Partido Comunista do Brasil pauta-se por esta linha de conduta. Nunca concordou nem conciliou com as teses errôneas de Fidel Castro e seus adeptos. Em 1966, na "Carta Aberta a Fidel Castro", e nos anos que se seguiram, travou uma luta consequente contra elas e indicou a perigosa tendência que expressavam. Graças a esta luta e às amargas lições fornecidas pela vida, a influência das teses cubanas caiu significativamente no Brasil. Também em plano continental a luta dos partidos marxistas-leninistas e os fracassos do foquismo levaram a resultados semelhantes. Apesar disso, o combate nessa frente não pode ser subestimado. A variante fidelista do portunismo encontra uma base social favorável na pequena-burguesia latino-americana, combativa e atuante, mas também instável e propensa a passar de um extremo a outro. Além disso, o fidelismo conta agora coma cobertura dos revisionistas. E por essas razões ainda envolve setores não desprezíveis em diversos países do continente. Extirpar sua influência constitui importante tarefa, sobretudo agora que Fidel Castro e seus prosélitos empreendem novos passos no caminho da traição.

ESTILO REVOLUCIONÁRIO DE TRABALHO

A experiência de nosso partido ensina que, na atividade quotidiana, necessitamos aplicar um estilo revolucionário de trabalho e aperfeiçoá-lo sempre. Há mais de dez anos a direção central do Partido vem insistindo nesta importante questão do trabalho partidário. Em várias oportunidades chamou a atenção dos rigi dirigentes e militantes para uma ou outra característica de um estilo revolucionário de trabalho, com o objetivo de melhorar constantemente tanto a atividade interna do Partido como a de seus membros entre as massas trabalhadoras.

Hoje, diante do crescimento da oposição popular, em luta contra a ditadura militar-fascista, o Partido tem a grande responsabilidade de colocar-se à altura de sua condição de autêntica vanguarda revolucionária do proletariado e de força dirigente das massas populares. Para isto é importante ter - como tem o nosso Partido - uma justa orientação política; mas não é suficiente. Uma linha verdadeiramente revolucionária exige que saibamos utilizar habilmente as melhores formas e meios para transformá-la em algo material, para expressá-la em ações práticas e vivas; e muito depende de um estilo revolucionário consequente de atuação cotidiana. Sem isto será praticamente impossível aplicar com êxito as tarefas do Partido e alcançar resultados frutíferos na atividade partidária. Os dirigentes e militantes do Partido precisam, portanto, preocupar-se em aperfeiçoar sempre um estilo de trabalho com características verdadeiramente revolucionárias, a fim de poderem desenvolver uma atuação combativa e eficiente de vanguarda em quaisquer circunstâncias e a todo momento, mesmo enfrentando, como enfrentamos , a mais rigorosa clandestinidade.

Falar em estilo de trabalho verdadeiramente revolucionário é falar em estilo de trabalho do tipo leninista. Stálin disse que o leninismo é uma escola teórica e prática que molda um tipo especial de dirigente e militante do Partido através de um estilo de trabalho de características específicas e peculiares. As principais caracterísitcas são: impulso revolucionário e espírito prático. Este estilo leninista de trabalho deve ser compreendido por todo o coletivo partidário de forma criadora e em perfeita correspondência com a linha revolucionária deo nosso Partido, com suas responsabilidades de vanguarda marxista-leninista do proletariado e com o momento político que atravessa o Brasil.

O impulso revolucionário

O impulso revolucionário, ensina Stálin, é o antídoto contra a inércia, a rotina, o conservadorismo, o burocratismo, o servilismo. É uma força vivificante que vence o passado e abre perspectivas, que desperta e

pensamento revolucionário e imprime maior combatividade e audácia na atividade partidária e na atuação de vanguarda dos comunistas junto às massas.

Quando o dirigente e o militante do Partido assimilam esta característica do estilo leninista de trabalho, eles conservam sempre ânimo forte, combatividade e decisão na realização das tarefas revolucionárias. Não se deixam intimidar diante das vicissitudes, fracassos e deficiências que por ventura se verifiquem na atividade partidária. Não exitam hesitam em assumir qualquer responsabilidade que o Partido lhes confie e as aceita com a certeza de que não medirá esforços para se colocar à altura dessas responsabilidades e para cumpri-las com honra. Não temem enfrentar as mais difíceis tarefas, as mais duras provas nem os maiores sacrifícios exigidos pelas dificuldades do rigoroso trabalho clandestino ou de qualquer outra atividade revolucionária. São incansáveis e diligentes, enfrentam com galhardia qualquer tipo de obstáculo, tudo fazem com a firme disposição de vencer e sempre realizam tudo o que se comprometem a fazer. Estão prontos a trabalhar e lutar onde há problemas mais complicados a resolver e maiores estorvos a vencer. Com tenacidade e paixão lutam todos os dias, confiantes e otimistas, servem de todo o coração e com todas as forças ao Partido e buscam as melhores formas e meios para dinamizar a atividade partidária. Com intrepidez e valentia lutam a vida inteira, confiantes e abnegados, para levar sempre adiante a causa da revolução e do socialismo. Sem impulso revolucionário, ensina Stálin, não é possível nenhum movimento verdadeiramente revolucionário.

Ao acentuar a grande importância desta característica do estilo revolucionário de trabalho do comunista, Lênin e Stálin chamavam a atenção para que o impulso revolucionário não degenerasse em presunção ou jactância, nem em imprudência ou impaciência, muito menos em atitudes precipitadas ou ações aventureiras. Lênin dizia sempre: menos ruído político e maior cuidado para os fatos simples mas vivos, menos frases pomposas e mai trabalho concreto, cotidiano. A vivaciade e a energia são qualidades humanas das melhores, mas é preciso ter por norma: mais vale pouco em quantidade sendo bom na qualidade. Não se deve desdenhar nunca as pequenas coisas no trabalho porque das pequenas coisas nascem as grandes. Justamente por isso Stalin disse que o impulso revolucionário deve estar indissoluvelmente vinculado com o espírito prático no trabalho.

-O espírito prático -

O espírito prático do comunista é, ensina ainda Stálin, o antído to contra a conduta arbitrária e as fantasias voluntaristas. É uma força indomável que não conhece nem admite barreiras, que destrói com sua tenacidade todo tipo de obstáculos e sempre realiza o que iniciou, por menos que seja.

Quando o dirigente e o militante do Partido assimilam esta característica do estilo leninista de trabalho, eles buscam sempre as formas mais adequadas de concretizar a aplicação viva das tarefas revolucionárias tanto no Partido como entre as massas. Planificam concretamente todas as tarefas a aplicar e tomam medidas eficazes para fazê-las chegar com rapidez aos organismo e a todos os camaradas. Não desperdiçam tempo e esforços em coisas secundárias, concentram suas energiais na realização dos problemas fundamentais, distinguindo entre estes aquele que constitui o elo da cadeia, que uma vez resolvido garante a solução efetiva e imediata de todos os demais problemas. Cuidam permanentemente de controlar de froma sistemática a execução das tarefas e as responsabilidades individuais, estimulando a capacidade de iniciativa própria e criadora de cada organismo e de cada camarada. Sabem dar indicações precisas de como abordar praticamente as massas com as diretivas do Partido e de como preparar, desenvolver e dirigir as ações de massas pelos seus interesses vitais. Buscam dinamizar continuamente a atividade revolucionária de todo o coletivo partidário, a fim de que os organismo e camaradas sob suas responsabilidades persistam todos os dias na aplicação das tarefas decididas e se enriqueçam com as expeiriências vividas a fim de lutar sempre mais e

melhor. Não vacilam diante das maiores dificuldades, buscando os melhores meios de solucioná-las no devido tempo. O espírito práticom disse Stálin, é uma força sem a qual não se pode conceber um sério trabalho construtivo.

Ao destacar o imenso valor do espírito prático de comunista, Lênin e Stálin insistiram muitas vezes no perigo que representa a enfermidade do praticismo mesquinho e do utilitarismo sem princípios. De fato, se o espírito prático não estiver associado ao impulso revolucionário e à correta compreensão da linha do Partido, pode facilmente degenerar. Há camaradas que atuam cheios de disposição e de decisão prática, que se movimentam incessaantemente e tratam de atender mil coisas ao mesmo tempo. No entanto, acabam não atendendo nenhuma realmente bem, pois carecem de perspectiva política e não sabem explicar o porquê do que devem realizar, nem tampouco sabem esclarecer a orientação e as tarefas do Partido de forma precisa e com argumentos convincentes. Devido a isto não surpreende que tais camaradas se desviem facilmente do caminho revolucionário, caiam no praticismo, comecem a perder pouco a pouco o entusiasmo pelas tarefas que realizam, principalmente quando estas se tornam mais difíceis; ou perderm s confiança na sua própria capacidade quando o Partido lhes designa novas funções, sobretudo se estas são de maior responsabilidade. Sabemos quantos prejuízos o praticismo e o utilitarismo causam à atividade partidária.

Lênin e Stálin, justamente por isto, muitas vezes criticaram a ironizaram agudamente a enfermidade do praticismo mesquinho e do utilitarismo sem princípios. Lênin chegou mesmo a qualificar esta perigosa enfermidade de "praticismo cretino" e de "utilitarismo estúpido". Para combatê-lo e superá-la, o estilo leninista de trabalho ensina que o espírito prático só é efetivo se estiver estreitamente unido ao impulso revolucionário pois só assim expressa uma atividade revolucionária viva e vabseia-se numa clara perspectiva revolucionária na atuação cotidiana. Quem tem espírito prático autêntico sabe discutir de forma sistemática e concreta as posições revolucionárias do Partido, para que se compreenda a importância das tarefas partidárias e se procure aplicá-las com inteligência, flexibilidade e habilidade. Não teme a crítica e a autocrítica para a correção oportuna dos erros e deficiências surgidasna atividade partidária e tira constantes ensinamentos para trabalhar melhor e para avançar na conquista de novos e maiores êxitos.

O estilo leninista de trabalho

Ao caracterizar o estilo leninista de trabalho, Stálin dizia que, em sua essência, ele é a combinação indissolúvel do impulso revolucionário com o espírito prático. Um não pode se dissociar do outro. Dirigentes e militantes de nosso Partido devem preocupar-se, portanto, em assimilar essas características que asseguram, na atividade partidária, a formação do tipo especial de dirigente e militante comunista de têmpera verdadeiramente leninista. O comunista deve ser lúcido e inflexível, audaz no combate e implacável para com os inimigos da causa do Partido e da classe operária; isento de qualquer sombra de pânico quando as coisas começam a complicar-se e os perigos se desenham no horizonte; ser prudente e alheio a qualquer precipitação ao enfrentar a solução de problemas novos e complexos, a respeito dos quais é necessário saber orientar-se com justeza e segurança e ter em consideração todas as eventualidades e todas as vantagens. De comunistas firmes e corajosos, dinâmicos e realizadores, capazes de fazer frente a todas as dificuldades e de suportar todos os sacrifícios, de desenvolver sempre um trabalho operativo e frutífero, muito depende a luta de nosso Partido pela vitória da revolução, da democracia popular e do socialismo.

Ao chamar a atenção sobre o valor do comunista para o êxito continuado dac causa da revolução e do socialismo, Lênin referiu-se, diversas vezes, ao exemplo de Sverdlov, bolchevique de têmpera especial: "Seu grande talento de organizador - dizia Lênin - desenvolveu-se no curso de uma longa luta ; ele próprio forjou cada uma de suas qualidades de revolucionário, atravessando as provas de diferentes épocas nas condições mais difíceis da atividade revolucionária". Numa afirmação enfocada pela ética

ninista, o camarada Enver Hodja disse certa vez a uma delegação de r
rtido que visitava a Albânia:"Vocês têm grandes lutas pela frente, m
anto maiores forem as lutas, tanto mais valente e invencíveis se tor
comunistas".O dirigente e militante do tipo leninista forma-se e te
-se, assim, na ação e só na ação revolucionária, nas batalhas dal lu
classes, no fogo dos combates preparados, desenvolvidos e dirigidos
lo Partido, como vanguarda marxista-leninista do proletariado brasil
. Em todas as oportunidades, o comunista tem o dever de dar o melhor
emplo, de pensar e agir sempre como um verdadeiro revolucionário pro
rio, de têmpera de bolchevique.